

INCLUSÃO

Um desembargador AUTISTA

Alexandre Moraes da Rosa acumula um currículo extenso na área de direito. E tornou-se símbolo de resiliência no meio jurídico

» VICTOR ROGÉRIO*

Diagnosticado com autismo em 2021, o juiz e professor Alexandre Moraes da Rosa, 52 anos, foi nomeado desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC) em novembro de 2025. Natural de Florianópolis e egresso de escola pública, formou-se em direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1997 e, desde então, construiu uma longa trajetória na área, tendo sido juiz auxiliar do ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), entre 2022 e 2023.

Sua dedicação aos estudos sempre foi traço de sua personalidade. Aos 24 anos, passou em 1º lugar no concurso de juiz estadual do TJSC. Nos anos seguintes, trabalhou, também, como juiz da Vara da Infância e Juventude, em Joinville (SC). Na área acadêmica, escreveu livros e lecionou direito na UFSC de 2008 a 2012.

Dedicação aos estudos

Na adolescência, o desembargador se descreveu como um jovem recluso e ligado aos estudos, o que o tornava alvo de perseguição por parte dos colegas. Apresentou dificuldade para entender piadas e conversas em tom de ironia, levando tudo “ao pé da letra”, o que dificultava a sua inserção social. “A gente tende a levar na versão literal tudo que ouvimos, e só depois tentamos fazer uma conotação. É um desafio nosso do dia a dia, que acabamos aprendendo”, explica.

“Eu sempre fui aquele adolescente que gostava de estudar. Tinha poucos amigos, não interagia tanto, não era famoso. Na minha época, essas questões não eram discutidas, então, eu não tinha suspeita em relação ao meu autismo”, lembra. Para não ser hostilizado, ele evitava gabaritar a prova. “Eu

Cristiano Estrela/NCI TJSC



Alexandre Rosa foi diagnosticado com autismo nível 1 de suporte em 2021, aos 47 anos

procurava nunca acertar tudo, para não chamar a atenção”, afirma.

Alexandre desaprova a metodologia de ensino da sua época, sentindo falta de um maior apoio a estudantes que compartilham de condições similares. “Eu nunca gostei de ir às aulas. Se eu não precisasse ir, seria melhor para todo mundo. Era só me dar os livros que eu me virava”, diz.

Acompanhamento

Segundo a psicóloga Roberta Nicole Cordeiro, o acompanha-

mento psicológico desde a infância pode ajudar pessoas com autismo a terem uma maior capacidade de socialização. “A criança que se isola não está com medo à toa. Ela, provavelmente, já aprendeu que o diferente é rejeitado. Então, a primeira orientação para pais e escola é escutar com empatia e validar as dores e medos do estudante que está em sofrimento. Piadas e exclusão social não podem ser normalizadas ou tratadas como ‘coisa de criança’. A terapia ajuda a melhorar as habilidades sociais, a entender os próprios sentimentos

e a se comunicar com as demais pessoas. Mas um erro comum é focar apenas na mudança da criança, e não no contexto em que ela está inserida”, explica.

“A memória de longo prazo da pessoa autista costuma ser muito boa, especialmente para assuntos de interesse. Já a memória de trabalho, aquela que seguramos informações do presente para executar uma tarefa, como seguir uma receita enquanto prepara a comida, pode ser abaixo da média, criando um possível quadro de disfunção executiva”, enfatiza a profissional.

Diagnóstico

O diagnóstico de autismo nível 1 de suporte veio tardiamente, em 2021, aos 47 anos, após 13 semanas de acompanhamento psicológico. Além do autismo, ele também foi diagnosticado com altas habilidades. Segundo Alexandre, o diagnóstico o ajudou a compreender a si mesmo e a lidar melhor com alguns comportamentos. “Eu consegui entender melhor as minhas limitações em relação à minha atividade profissional e nos meus relacionamentos. Houve uma mudança significativa para poder me reposicionar e agora eu entendo porque muitas vezes eu ficava de saco cheio, por exemplo”, diz.

Segundo o jurista, o interesse em cursar direito surgiu devido ao seu gosto por regras e pela vontade de compreender o comportamento humano, traços que ele próprio vincula à sua condição. Autor de livros jurídicos, ele também enfatiza a influência do pai, que é advogado, e da mãe, professora. Como inspirações na área, ele cita nomes como o americano Frederick Schauer e o brasileiro Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, do qual foi aluno.

Apesar das dificuldades, Alexandre destaca que a condição de autismo oferece algumas vantagens em relação a pessoas neurotípicas. Segundo ele, essas habilidades influenciam, inclusive, no seu cotidiano de trabalho. “De fato, nosso cérebro não funciona da mesma maneira que o dos neurotípicos, então, precisamos de alguma estratégia para sobreviver. Fora isso, a nossa forma de raciocínio não inveja ninguém. Prestamos atenção em alguns detalhes que muitas vezes passam batido para os neurotípicos. Também temos uma memória acima da média”, argumenta.

Resiliência

Um dos desafios enfrentados na trajetória de Alexandre ocorreu